

As estratégias para a manutenção do poder: os governantes nas obras de Heródoto (V a.C.) e Estrabão (I a.C. - I d.C.)

Strategies for maintaining power: the rulers in the works of Herodotus (5th century BC) and Strabo (1st century BC – 1st century AD)

Nathalia Monseff Junqueira*

Resumo: Neste artigo, temos como objetivo apresentar as formas de governo descritas em dois autores da Antiguidade: Heródoto, historiador grego, e Estrabão, geógrafo do período romano. Suas obras não têm a preocupação em focar nos assuntos políticos. Entretanto, conseguimos mapear passagens nas quais as diversas maneiras de governar são descritas, e quais são consideradas as melhores formas de governo pelos autores.

Abstract: In this article, we aim at presenting the forms of government described in two ancient authors: Herodotus, a Greek historian, and Strabo, a geographer of the Roman period. Their studies do not focus only the political issues, however we manage to map evidence in which the different ways of governing are described as well as the best forms of government considered by the authors.

Palavras-chave:

Heródoto;
Estrabão;
Governo;
História;
Política.

Keywords:

Herodotus;
Strabo;
Government;
History;
Politics.

Recebido em: 23/05/2016
Aprovado em: 30/06/2016

* Professora de História Antiga e Medieval da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal. Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Introdução

A forma de governo aplicada em diferentes sociedades constitui uma temática teorizada por diversos autores no período da Antiguidade. Aristóteles, Platão, Cícero seriam alguns exemplos de escritores que elaboraram obras nas quais tecem as suas opiniões a respeito do que seriam considerados sistemas ideais de governo (GALLO, 2015).

Para esse artigo, entretanto, optamos por dois autores cujas obras não estão focadas nessa temática. Heródoto (V a.C.) escreve a obra *Histórias* a partir de sua indagação acerca dos motivos que levaram helenos e bárbaros a guerrearem,¹ que estão descritos no prólogo de sua obra.² Já Estrabão (I a.C. - I d.C.) afirma que a sua obra *Geografia* é importante para o conhecimento dos céus e das coisas da terra e do mar (Strabo, *Geographica*, I, 1, 15), das plantas e das frutas e para as atividades dos governantes e comandantes. (Str., *Geo.*, I, 1, 16). Embora não seja intenção dos nossos autores a elaboração de uma teoria sobre os sistemas de governo, ela está presente em ambas as obras.

Por esse motivo, selecionamos o Livro II de *Histórias* e o Livro XVII da *Geografia*. A escolha desses dois livros, que descrevem a região egípcia em diferentes contextos históricos, é essencial, pois podemos observar os sistemas de governo adotados nessa região tanto em um passado mais longínquo quanto no período contemporâneo aos autores, trazendo-nos mais informações que serão utilizadas ao longo do artigo. Importa salientar que, apesar desse recorte, isso não impossibilita que utilizemos os outros livros que compõem as obras na composição do texto. Mas antes de adentrarmos na análise das passagens de Heródoto e de Estrabão, precisamos apresentar alguns dados sobre a vida e obra desses autores.

Heródoto e Estrabão: vida e obra

Heródoto nasceu por volta de 484 a.C.,³ em Halicarnasso,⁴ capital da Cária, na Ásia Menor (atual Bodrum, na Turquia). Seu pai teria sido Lixes. Sua mãe, Drio e teria tido um

¹ Utilizamos aqui o vocábulo bárbaro para indicar os povos que não falavam a língua grega.

² “Eis a exposição das investigações de Heródoto de Halicarnasso para que os feitos dos homens não se percam no tempo, e para que não fiquem sem renome as grandes e admiráveis empresas, tanto dos bárbaros quanto dos gregos; e, sobretudo, a razão por que guerrearam uns contra os outros”.

³ Segundo K. H. Waters (1996, p. 10), A. D. Godley (1990, p. VII), John Hart (1982, p. 158) e John L. Myres (1999, p. 03), Heródoto teria nascido em 484 a.C.. Por outro lado, há estudiosos que aceitam outras datas: C. Morais (2004, p. 15) e F. Hartog (1999, p. 32) optar pela data de 480 a.C., e C. Orrieux e P. Pantel, pela de 485 a.C. (2004, p. 221). Para Waters (1996, p. 10), a data de 484 a.C. teria sido escolhida porque o auge aproximado da vida do historiador grego, convencionalmente a idade de 40 anos, está ligado à data de fundação de Túrio, datada de 444/3 a.C. e, dessa forma, se calculou a data do nascimento de Heródoto. Já D. Asheri (2007, p. 05) nos informa de outro cálculo para a datação: segundo autores antigos, Heródoto teria 53 anos quando a Guerra do Peloponeso irrompeu, no ano de 431 a.C., ou seja, somando-se as duas datas, teremos o ano de 484 a.C.

⁴ A cidade de Halicarnasso tinha uma vida comercial própria, com um porto onde os gregos comercializavam seus produtos (HART, 1982, p. 159), e recebia comerciantes de diferentes partes do mundo conhecido (*oikoumene*), favorecendo as trocas culturais entre os habitantes e os visitantes de Halicarnasso.

irmão, Teodoro (WATERS, 1996, p. 10). Outro parente que conhecemos seria o seu tio ou primo Paniássis, poeta em Halicarnasso, que teria sido morto pelo tirano Ligdamis.

Heródoto viveu entre os principais conflitos gregos do V a.C.: primeiro, as Guerras Pérsicas (499-479 a.C.), contra os invasores persas, e depois a Guerra do Peloponeso (431-404 a.C.), contra Esparta. Como afirma a tradição, ele foi exilado de sua terra natal por ter se unido em oposição a Ligdamis, buscando refúgio em Samos, cidade que compunha a Liga de Delos desde 478 a.C. como membro autônomo. Ele regressou a Halicarnasso depois do golpe que teria expulsado o tirano do poder, que parece ter ocorrido no ano de 454 a.C., quando Halicarnasso aparece na lista de tributos atenienses sem o nome do governante (WATERS, 1996, p. 10; ASHERI; LLOYD; CORCELLA, 2007, p. 3).

Depois desse período, Heródoto teria viajado por diversas regiões próximas ao Mar Mediterrâneo e ao Mar Vermelho: Egito, Líbia, Fenícia e Babilônia, Grécia e a região localizada no sul da Itália, chamada de Magna Grécia. O historiador grego dá indícios, em sua obra, que esteve no Egito, Tiro, Arábia, Esparta, Delfos, Beócia, mas não faz menção a Túrio. Teria desembarcado em Atenas em 445/4 a.C., local onde teria lido a sua obra e conhecido outros escritores do período, como Sócrates e Ésquilo. Participou da fundação da cidade de Túrio, onde se tornou cidadão, e teria falecido aproximadamente na década de 420 a.C.⁵

O outro autor da Antiguidade selecionado para esse artigo é o geógrafo Estrabão. Nascido entre os anos de 64-63 a.C.,⁶ em Amasia.⁷ Apesar de sua família ter origem grega e asiática (JONES, 1960, p. XIII), a sua produção é totalmente em língua grega. Estrabão teria nascido após a anexação da região do Ponto como província romana. As chamadas Guerras Mitridáticas, iniciadas em 97 a.C. por Mitrídates VI contra as tropas romanas, somente cessaram em 66 a.C. Dessa forma, Pompeu criou a província da Bitínia-Ponto, dividindo-a em 11 unidades políticas.

O trisavô de Estrabão por lado da mãe foi Dorilau, que atuou como general durante o governo de Mitrídates Evergeta. Outro suposto parente seria Moaphernes (Str., *Geo.*, XII, 3, 35), tio da mãe de Estrabão, que governou uma das províncias anexadas por Mitrídates VI. Segundo Daniela Dueck (2000, p. 06), essa ligação de sua família com o

⁵ Orrioux e Pantel afirmam que “não se conhece a data exata da sua morte” (2004, p. 221). Nesse caso, os autores não aceitam a data dos historiadores citados na nota 3.

⁶ Jones (1960) afirma que o geógrafo teria nascido entre 64-63 a.C., datação também encontrada na obra de Dueck (2000, p. 01-02) e Potheary (2002, p. 392). Para essa autora, Estrabão daria indícios da data de seu nascimento ao mencionar dois períodos históricos referentes à região do Ponto: antes de esta se tornar uma província romana, em aproximadamente 66-63 a.C. e depois desse período.

⁷ Amasia, região da atual Turquia, foi uma das sátrapas asiáticas do Império Persa. Após esse período de conquista persa, os reis do Ponto estabeleceram relações com os reinos vizinhos através de intercassamentos. A partir dessas relações, essa região adotou o estilo monárquico helenístico e o grego tornou-se língua oficial do Ponto.

círculo governamental, na região do Ponto, teria auxiliado Estrabão na sua inserção entre os escritores e oficiais que faziam parte das redes de sociabilidade de Augusto.

A família de Estrabão, ao conseguir acumular propriedades, proporcionou a ele herdar considerável riqueza, o que permitiu que se dedicasse tanto aos estudos filosóficos quanto às várias viagens que realizou pelo mundo mediterrâneo.

O geógrafo grego teria iniciado os seus estudos e as suas viagens por Nisa, sob a tutela de Aristodemo. Em 44 a.C., Estrabão, com idade entre 19 e 20 anos, foi para Roma, conhecendo o general Públio Servílio Isáurico, sendo esta sua primeira visita à capital do Império. Segundo seu relato da cidade de Amisos, ele estudou com Tyrannion (Str., *Geo.*, XII, 3,16), que educou dois filhos de Cícero. Outra importante figura na trajetória de seus estudos foi Atenodoro (Str., *Geo.*, XVI, 4, 21), filósofo e amigo de Estrabão, que se tornou professor e amigo de Augusto.

Nos anos de 25-24 a.C. esteve no Egito, acompanhando o prefeito dessa região, Élio Galo, tendo permanecido nesse território até o ano 20 a.C., quando Augusto esteve em Samos. Teria passado os últimos 27 anos de sua vida em Amasia, morrendo com 84 anos. Segundo o próprio Estrabão, ele viajou do Oeste da Armênia até a costa da Tirrenia, oposta à Sardenha, e na direção do Sul, do Mar Euxine até as fronteiras da Etiópia. Teria sido o geógrafo que mais viajou para a confecção de sua obra (Str., *Geo.*, II, 5, 11) pois, para ele, viajar era fundamental para quem quisesse se tornar um bom geógrafo.

Para Dueck (2000, p. 08), as viagens para centros intelectuais eram parte da atividade erudita usual no período helenístico, "facilitado pela paz predominante no tempo de Augusto". Somente os Alexandrinos enviam poucos habitantes para estudar em outro centro de produção de saberes. Roma se tornou um ponto de encontro de eruditos vindos do mundo grego. O próprio Estrabão foi para Roma, porém começou seu círculo de educação na Ásia Menor, como Nisa. Entretanto, no período grego clássico, essas viagens também eram possíveis, e Heródoto tem como destino Atenas, cidade na qual havia uma produção cultural pujante no século V a.C.

Heródoto escreveu a obra *Histórias*, que está dividida em nove livros – número esse que coincide com o das nove musas que nomeiam cada capítulo. Os livros descrevem os povos não-gregos, chamados de bárbaros pelo historiador: lídios, egípcios, babilônios, persas, citas, entre outros, relatando a geografia, história, antropologia, costumes sexuais, matrimônio, crenças religiosas, cultos fúnebres e a cultura dessas regiões, os acontecimentos que resultaram nas Guerras Pérsicas e como gregos e persas se prepararam para os embates e o final desse confronto, no ano de 479 a.C.

De acordo com Momigliano (2004, p. 55), não somente a épica o influenciou, mas autores anteriores, como Homero, cuja epopeia serviu à constituição da narrativa histórica;

Hecateu, único autor em prosa contemporâneo ao qual Heródoto faz referência; e Ésquilo, poeta consultado pelo historiador grego. Apesar da escassez de obras consultadas por Heródoto, ele baseia a sua narrativa nas evidências orais (MOMIGLIANO, 2004, p. 65). Um dos motivos seria o pouco acesso ao número reduzido de fontes escritas no mundo grego, inclusive àquelas referentes aos acontecimentos próximos ao nascimento do historiador; já as de anos mais remotos são praticamente inexistentes, como salienta Waters (1996, p. 75). Sabemos que ele não teria memórias pessoais dos acontecimentos de 480-79 a.C., uma vez que era uma criança, mas relatou os depoimentos das testemunhas que ainda estavam vivas (ASHERI; LLOYD; CORCELLA, 2007, p. 5). Heródoto tão pouco seria um conhecedor da língua egípcia ou de outro idioma que tenha visto ou ouvido em suas viagens, sendo necessária a consulta a tradutores locais para que pudesse entender os acontecimentos ao seu redor.

A obra *Geografia* seria o resultado das viagens realizadas por Estrabão pelas diversas partes da Europa, África e Ásia. Nos dezessete livros que compõem o texto, encontramos a descrição de várias regiões do mundo conhecido, além de um pouco de história de alguns povos e seus costumes. As evidências de dois autores com os quais ele dialogaria estão mais explícitas em sua obra. Para Jones (1960, p. XX), foi durante o período em que esteve no Egito, que teria durado cinco anos, através dos estudos na Biblioteca de Alexandria, que ele escolheu as passagens dos textos de seus antecessores relatadas em seu texto. Estrabão afirma que Homero é o fundador do campo da geografia (Str., Geo., I, 1, 2) e vai, ao longo desse livro, elencando os argumentos que fundamentam essa afirmação. No livro XVII, o geógrafo decide se deter nas afirmações a respeito do Nilo feitas por Eratóstenes. Outro viajante que ele cita nesse livro é Políbio, além do próprio Heródoto. Também cita muitos outros, como Hecateu, Anaximandro de Mileto, Posidônio e Demócrito.

Muitas informações encontradas na obra de ambos os autores são resultado de suas próprias impressões durante as viagens que fizeram. Heródoto, preocupado com o caráter efêmero das ações humanas, decidiu registrar os acontecimentos de forma cronológica em sua obra. E como todo registro é uma seleção (MOMIGLIANO, 2004, p. 54), ele abordou os assuntos decorrentes das realizações dos homens, e não dos deuses, o que revela um traço de racionalidade na sua maneira de apresentar ao público e ao leitor as informações coletadas em suas viagens. Outra peculiaridade de sua obra é o fato de que ele, muitas vezes, divulga duas versões da mesma história, alertando para aquilo que foi visto ou ouvido; em alguns casos, ele deixa clara sua opinião. Já em outros, caberá ao leitor decidir a versão mais verossímil. O importante aqui é tornar visível a nossa opinião

de que a obra *Histórias* é a exposição da investigação (ιστορία)⁸ feita por Heródoto de Halicarnasso a respeito das obras realizadas por gregos e bárbaros, e que esta deve ser analisada dentro do seu contexto histórico, o que nos auxilia a compreender as influências recebidas e a maneira como a obra foi escrita. E essa análise sugere que Heródoto tenta elaborar sua obra de uma maneira diversa dos outros poetas antigos, o que concede a *Histórias* um caráter distinto da ficção, de uma obra de literatura, assumindo a narrativa um viés histórico.

Diferente do que encontramos na obra de Heródoto, Estrabão afirma qual a finalidade de sua obra: ela é importante para o conhecimento dos céus e das coisas da terra e do mar, das plantas e das frutas e para as atividades dos governantes e comandantes, como já informamos na introdução. Outra intenção de Estrabão ao escrever a sua obra é contribuir com novas informações para a ampliação do conhecimento do mundo habitado. Também não podemos esquecer que ele escreve que sua empreitada é colossal, e que ao se lidar com tantos fatos e coisas, sua obra seria digna de um filósofo.

Para Dueck (2000, p.12), Estrabão também realiza viagens para os centros intelectuais do período, e essa empreitada era parte da atividade erudita usual no período helenístico. Como já dissemos, somente os alexandrinos enviavam poucos habitantes para estudar em outro centro de produção de saberes, e Roma se tornara um ponto de encontro de eruditos vindos do mundo grego. Estrabão seria provavelmente um cidadão romano com uma formação grega que estudou na Biblioteca de Alexandria e passou um longo período em Roma, onde se filiou ao círculo de intelectuais, mantendo relações com diversos romanos que faziam parte do grupo que circundava Augusto.

As diferentes formas de governo

Norberto Bobbio, cientista político italiano, inicia o capítulo "O governo dos homens ou o governo das leis" do seu livro *O futuro da democracia* indagando a respeito de qual seria o melhor sistema de governo, o dos homens ou o das leis? (BOBBIO, 1986, p.151). Para responder a essa pergunta, ele cita a célebre disputa entre os reis persas Otanes, Megabizo e Dario descrita por Heródoto, na qual aqueles expõem seus argumentos a favor da democracia, da oligarquia ou da monarquia. O primeiro a defender seu ponto de vista é Otanes:

⁸ A palavra ιστορία somente passou a significar o estudo dos acontecimentos do passado após o século IV a.C. (ASHERI; LLOYD; CORCELLA, 2007, p. 8), ou seja, um século depois de Heródoto.

[...] em minha opinião o governo não deve caber a um único homem; isso nem é agradável nem é bom [...] Como seria possível haver equilíbrio no governo de um homem só, se nele o governante pode fazer o que lhe apraz e não tem de prestar contas de seus atos? [...] Um tirano, [...] é o mais inconsequente de todos os homens; [...] condena as pessoas à morte sem mandar julgá-las. O governo do povo, ao contrário, traz primeiro consigo o mais belo de todos os nomes: igualdade perante a lei, e em segundo lugar, nenhuma das injustiças cometidas por um governante único é cometida nele. Todas as funções são atribuídas através de sorteio, e seus detentores são responsáveis pelos atos praticados no exercício das mesmas, e todas as decisões são submetidas à assembléia popular. Exponho, portanto, a minha opinião, propondo que acabemos com o governo de um único homem e elevemos o povo ao poder, pois tudo está na maioria (Herodotus, *Histories*, III, 80).

Na sequência, observamos a opinião de Megabizo a respeito do que ele considera como a melhor forma de governo:

‘Eu concordo’, disse ele, ‘com tudo o que Otanes diz contra a regra de um; mas quando ele diz-lhe para dar o poder à multidão, seu julgamento se desvia do melhor. Nada é mais tolo e violento do que uma multidão inútil; [...] vamos escolher um grupo dos melhores homens e investir-los com o poder. Pois nós mesmos devemos estar entre eles, e entre os melhores homens, é provável que haja os melhores conselhos.’ (Hdt., *Hist.*, III, 81).

Dario, após ouvir os dois reis, discursa a favor da monarquia:

‘Parece-me’, disse ele, ‘que Megabizo fala bem em matéria de democracia, mas não a respeito da oligarquia. Porque, se as três são propostas e todos estão no seu melhor para o bem do argumento, a [...] democracia e oligarquia e monarquia, eu defendo que a monarquia é de longe a melhor. Pode-se descrever nada melhor do que a regra do melhor homem; usando o bom senso, ele irá reger a multidão com sabedoria perfeita [...] Mas, em uma oligarquia, o desejo de muitos para desempenhar um bom governo muitas vezes produz ódio amargo entre eles; [...] Creio, portanto, que nós, que fomos libertados por um homem devemos manter tal governo, e, além disso, que não devemos alterar os nossos caminhos ancestrais que são bons; que não seria o melhor’ (Her., *Hist.*, III, 82).

Se nos fixamos somente nessa passagem da obra de Heródoto, afirmaríamos que, para o historiador, o sistema de governo ideal seria aquele governado pelos homens através de sabedoria e senso de justiça. Heródoto está inserido no período da hegemonia de Atenas no Mediterrâneo. Essa *pólis* adotou a democracia como sistema de governo durante esse período. Entretanto, se analisamos as passagens selecionadas no Livro II de *Histórias*, percebemos que a forma de governo poderia variar de acordo com o sistema político adotado em determinadas sociedades:

Os Egípcios tornaram-se livres após o reinado do sacerdote de Hefestos (pois não houve época em que pudessem viver sem rei), entronaram doze reis, depois de dividir o Egito em doze regiões. Ligados por vínculos matrimoniais, reinaram

utilizando as seguintes leis: não se eliminar mutuamente, um não procurar possuir mais que o outro, e serem amigos estreitíssimos. Eis a razão pelo qual fizeram tais leis, cumpridas rigorosamente [...] (Her., *Hist.*, II, 147).

Segundo Heródoto (*Hist.*, II, 151), os “doze reis governavam com justiça”. Devido à consulta ao oráculo, os outros onze reis decidiram afastar Psamético do poder. Depois de fugir dos pântanos, para onde o haviam exilado, e se aliar aos jônios e cários vindos do mar, Psamético consegue retornar, destronar os outros reis e passa a reinar sozinho (Her., *Hist.*, II, 152). Nessa passagem, apesar das decisões tomadas pelos reis após a consulta do oráculo, podemos observar que o Egito foi governado com justiça por eles e pelas leis que esses reis elaboraram.

Outro faraó descrito por Heródoto é Amásis, que governou o Egito após a queda de Ápriés (Her., *Hist.*, II, 172): “Nos primeiros tempos, os egípcios desprezaram Amásis e não o tinham em grande conta, por sua origem popular e por não pertencer à família ilustre. Mais tarde, porém, com sabedoria e não sem tato, Amásis os conquistou.

Amásis acabou se tornando um homem frívolo e fanfarrão, devido a bebidas (Her., *Hist.*, II, 173). Apesar dessa característica, Heródoto afirma que Amásis mandou construir enormes pórticos e conduziu obras em santuários e templos e que, no seu reinado,

[...] o Egito gozou de grandíssima prosperidade, seja pelas vantagens que o rio dava ao país, seja pelos produtos que a terra dava aos homens [...] E foi Amásis que impôs aos Egípcios a seguinte lei: todos os anos, cada um dos Egípcios deveria mostrar ao governador da província de onde tirava seus proventos. Quem não fizesse isso, ou não apresentasse um meio de vida honesto, era punido com a morte. Sólon, o Ateniense, tomou dos Egípcios essa lei e a impôs aos Atenienses, que sempre a observaram, por ser uma lei perfeita (Her., *Hist.*, II, 177).

Segundo os organizadores do livro *Intelectuais, poder e política na Roma Antiga* (ARAÚJO; ROSA; JOLY, 2010, p.14), uma temática recorrente, nos textos antigos, se refere ao chamado “espelhos de príncipe”:

Trata-se de elaborar um modelo de comportamento ético e político ideal para os governantes, em especial no tocante às suas relações com os governados, para manter a ordem social. Ao pensar a realidade sob esse prisma, tais autores elaboraram propostas para melhorar a sociedade, as formas e as maneiras de governar, criticando por um lado, mas propondo alternativas políticas (ARAÚJO; ROSA; JOLY, 2010, p.14-15).

Dessa forma, podemos afirmar que apesar de Heródoto considerar a democracia como a melhor forma de governo, ele não descartava as outras possibilidades de sistemas governamentais, desde que os governantes seguissem o modelo de comportamento

ético que ele considerava ideal. A observância das leis era outro requisito importante para que fosse possível um governo justo, como visualizamos na passagem anterior.

Ao analisarmos o Livro XVII de Estrabão (17.1), percebemos que ele auxilia o seu leitor ao afirmar qual região do Império Romano passa a descrever, “as partes na vizinhança do Nilo”, também salientando a condição do Egito naquele momento: o “Egito é agora uma província; e ele não somente paga considerável tributo, mas também é governado por um homem prudente”.

O Egito se torna província em 30 a.C., após um longo período de expansão do domínio romano sobre diversos territórios que circundavam o Mar Mediterrâneo. Dessa forma, o Império Romano não circunscrevia uma organização social homogênea e singular, mas agrupava sociedades completamente distintas. Em seu interior encontravam-se antigos impérios orientais, como o egípcio-helenístico, que manteve características próprias até pelo menos a época tardia: escassez de cidades, população rural organizada em aldeias, sistema burocrático e tributário (GUARINELLO, 2006, p. 4).

Otaviano opta pela escolha de Cornélio Galo, poeta e militar, para ser o responsável pelo comando daquela região, fazendo dele o “primeiro prefeito da região” (Str., *Geo.*, XVII, 1, 53). No início, Cornélio Galo se viu obrigado a controlar duas rebeliões que ocorreram no território egípcio: uma no Delta e outra em Tebas. Após sufocar essas rebeliões, ele decide se lançar sobre o território abaixo da primeira catarata, vangloriando-se de nenhum exército romano ter chegado tão longe no Egito. Cornélio e o rei da Etiópia celebram um acordo, segundo o qual os romanos governariam a região entre o Egito e o reino da Etiópia.

Após a morte de Cornélio, Augusto nomeia Élio Galo como prefeito do Egito, em 26 a.C. Sua missão era investigar as pessoas e a topografia egípcia e a situação na Arábia. O plano era invadir a região para ter o controle da rota de especiarias, pedras preciosas e perfumes vindos do Leste. A campanha, que ocorreu entre os anos de 26-25 a.C., foi desastrosa, apesar do cerco à cidade de Marib. Em 24 a.C., é Petroni quem aparece na lista de prefeitos do Egito. Segundo Estrabão, “os prefeitos eram enviados para essa região de tempos em tempos” (Str., *Geo.*, XVIII, 1, 12).

Estrabão teria vivido em Alexandria entre os anos de 29-26 a.C., tornando-se amigo do governador da província do Egito, Élio Galo. Ele o acompanhou em sua jornada desde Syene (atual Assuã) até as fronteiras da Etiópia (Str., *Geo.*, II, 5, 12). O prefeito da província, estava sempre acompanhado por uma rede de sociabilidade que se instalou ao seu redor: “[...] eu também, quando estive presente nesses locais com Élio Galo e sua multidão de associados, ambos amigos e soldados [...]” (Str., *Geo.*, XVIII, 1, 46).

Segundo Dueck (2000, p. 20), muitos soldados romanos aproveitavam a companhia dessa escola de gregos eruditos, esperando que as façanhas de suas

campanhas militares fossem registradas pelos seus amigos, enquanto que os gregos ganhavam favores pessoais, como a cidadania romana e benefícios para as suas cidades de origem. Entretanto, para Estrabão, não eram todas as pessoas que estavam qualificadas para compor o grupo que acompanhava o prefeito do Egito: “Quando o prefeito Élio Galo navegou pelo Egito, ele foi acompanhado por certo homem de Alexandria, Querêmon [...] Que finge algum conhecimento [...] Mas estava ridículo como um fanfarrão e ignorante” (Str., *Geo.*, XVIII, 1, 29).

Estrabão descreve todos os oficiais romanos que estão subordinados ao prefeito da província, como o administrador da justiça e as legiões de soldados e o corpo da cavalaria. Alguns cargos eram ocupados pelos egípcios, como o de intérprete e o de escriba público. Esses últimos cargos citados “[...] existiam também no tempo dos reis, mas, desde que os reis estavam empreendendo um mau governo, a prosperidade da cidade também foi desaparecendo devido à ilegalidade prevalente” (Str., *Geo.*, XVIII, 1, 12).

Para o geógrafo, “os romanos têm, como sua melhor habilidade, eu posso dizer, estabelecer as coisas certas, organizando a cidade, e nomeando todos os oficiais dessa região [...]” (Str., *Geo.*, XVIII, 1, 13) em contraponto com a administração dos descendentes de Ptolomeu, pois para ele “os reis depois de terceiro Ptolomeu, tornaram-se corruptos pela vida luxuosa, tendo administrado os assuntos de governo de forma ruim” (Str., *Geo.*, XVIII, 1, 11).

Não é somente essa característica de ordenar as coisas por parte dos romanos que chama a atenção de Estrabão. Segundo Claude Nicolet (1991, p. 85), o geógrafo dá crédito aos romanos (Str., *Geo.*, III, 4, 19) por terem feito jornadas e exames topográficos possíveis em muitas regiões, particularmente no Oeste, como resultado indireto de sua dominação política e sua estratégia de pacificação.⁹

Em relação à dominação política da província egípcia, Estrabão não escreve um longo discurso a respeito de Augusto, no Livro XVII, mas faz diversas alusões a este ao longo do texto. Quando está descrevendo Nicópolis, perto da cidade de Alexandria, ele escreve que “Augusto César homenageou este lugar porque foi aqui que ele conquistou em batalha aqueles que saíram contra ele em favor de Antônio” (Str., *Geo.*, XVIII, 1, 10). Logo em seguida, Estrabão explica como Júlio César e Marco Antônio se relacionaram com Cleópatra, e como Augusto, após a Batalha de Ácio, “os perseguiu [Cleópatra e Marco Antônio], e destruiu a ambos [...]” (Str., *Geo.*, XVIII, 1, 11).

⁹ “O Nilo flui das fronteiras da Etiópia para o norte em uma linha reta para o distrito chamado ‘Delta’, e então [...] o Nilo faz nesse lugar como o vértice de um triângulo, os lados desse triângulo sendo formados por rios que dividem em qualquer direção e se estendem para o mar - um no lado direito para o mar no Pelúcio e o outro no lado esquerdo para o mar no Canobus” (Str., *Geo.*, XVIII, 1, 4).

A região do Egito recebeu legiões de soldados, pois era considerada a província mais valiosa devido aos tributos que enviava a Roma.

Há [...] três legiões de soldados, uma das quais está localizada na cidade e as outras na província; e além dessas há nove grupos de soldados romanos, três na cidade, três nas fronteiras com a Etiópia em Assuã, como uma guarda para aquela região, e três no resto da província. E também há três corpos da cavalaria, que igualmente são atribuídos para vários pontos críticos (Str., *Geo.*, XVIII, 1, 12).

Estrabão volta a repetir, no capítulo 53 do Livro XVII, que a “região é suficientemente guardada pelos Romanos com somente três coortes” (Str., *Geo.*, XVIII, 1, 53).

O prefeito não deveria se preocupar somente com a segurança do Egito, mas analisar periodicamente as cheias do Nilo, pois:

[...] isso é útil, não somente para os fazendeiros no que diz respeito à distribuição de água, aterros, canais e outras coisas desse tipo, mas também para os prefeitos, no que diz respeito às receitas, para as grandes cheias indicam que as receitas também serão grandes [...] (Str., *Geo.*, XVIII, 1, 48).

Estrabão evidencia sua predileção pela forma como Augusto conduzia o Império Romano. Essa passagem se encontra em outro Livro de seu texto, porém consideramos importante expô-la nesse artigo.

Mas se fosse uma coisa difícil de administrar tão grande domínio exceto entregá-lo a um homem, como a um pai; em qualquer caso, nunca os romanos e seus aliados tinham prosperado em tal paz e abundância como aquilo que lhes foi conferida por Augusto César, a partir do momento que ele assumiu a autoridade absoluta, e agora está sendo dispensado a ele por seu filho e sucessor, Tibério, que está fazendo Augusto o modelo de sua administração e decretos, assim como seus filhos, Germânico e Druso, que estão ajudando o pai (Str., *Geo.*, VI, 4, 2).

Considerações finais

Podemos perceber, nessas passagens selecionadas, uma convergência entre os mundos privado e público dos autores tratados nesse artigo. A própria história do autor, seus valores, escritos e posições provêm, por um lado, de suas experiências – como Heródoto, que ao ser expulso de Halicarnasso por um tirano, não desenvolveria uma argumentação que defendesse esse sistema de governo – e, por outro, da maneira como se inserem no mundo social e político: Estrabão se tornou amigo do prefeito do Egito como também se inseriu nas redes de sociabilidade de Augusto. Esta convergência influencia na maneira como os autores representam os sistemas de governo, entretanto isso não se torna uma barreira para adotá-los como fontes históricas.

A historiografia tem contribuído para a ampliação das possibilidades de temáticas para o estudo das sociedades antigas. As duas obras produzidas durante o período clássico que abordamos nesse artigo abrem um novo caminho para se trabalhar com as formas de governo – como elas foram pensadas e representadas através das experiências vividas por Heródoto e Estrabão, quais foram as suas influências e como eles problematizavam a sociedade na qual estavam inseridos.

Referências

Documentação textual

- HÉRODOTE. *Histoires*. Introduction, notice preliminaire sur la vie et la personnalite d'Herodote et sur la presente edition par E. Legran. Paris: Belles Lettres, 1932.
- HERODOTUS. *Histories*. Translations by A. D. Godley. Harvard University: Heinemann, 1990.
- STRABO. *The Geography*. Translations by Horace Leonard Jones. London: William Heinemann Ltda, 1960.

Obras de apoio

- ARAÚJO, S. R. R.; ROSA, C. B. da; JOLY, F. D. *Intelectuais, poder e política na Roma antiga*. Rio de Janeiro: Nau, 2010.
- ASHERI, D.; LLOYD, A.; CORCELLA, A. *Herodotus*. Oxford: Oxford University Press, 2007. books I-V.
- BOBBIO, N. *O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- DUECK, D. *Strabo of Amasia: a Greek man of letters in Augustan Rome*. London: Routledge, 2000.
- GALLO, R. F. Heródoto e a teoria das formas de governo: o debate constitucional persa. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- GODLEY, A. D. Introdução. In: HERODOTUS. *Histories*. Translations by A. D. Godley. Harvard University: Heinemann, 1990, p. VII-XVIII.
- GUARINELLO, N. O Império Romano e nós. In: SILVA, G. V.; MENDES, N. M. (Org.). *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Vitória: Edufes, 2006, p. 13-19.
- HART, J. *Herodotus and Greek History*. New York: St. Martin's Press, 1982.

- HARTOG, F. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- JONES, H. L. Introdução. In: STRABO. *The Geography*. Translated by Horace Leonard Jones. London: William Heinemann Ltda., 1960, p. XI- XXVIII.
- MOMIGLIANO, A. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru: EDUSC, 2004.
- MORAIS, C. *Maravilhas do Mundo Antigo: Heródoto, pai da História?* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.
- MYRES, J. L. *Herodotus, father of history*. Oxford: Clarendon Press, 1999.
- NICOLET, C. *Space, geography, and politics in the Early Roman Empire*. Michigan: The University of Michigan Press, 1991.
- ORRIEUX, C.; PANTEL, P. S. *Histoire grecque*. Paris: Presses Universitaires de France, 2004.
- POTHECARY, S. Strabo, the Tiberian Author: Past, Present and Silence in Strabo's "Geography". *Mnemosyne*, Fourth Series, v. 55, fasc. 4, p. 387-438, 2002.
- WATERS, K. H. *Heródoto el historiador*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.